

## 1.

Rino telefonou-me esta manhã, pensei que quisesse outra vez dinheiro e preparei-me para lhe dizer que não. Mas o motivo do telefonema era outro: não sabia da mãe.

«Há quanto tempo?»

«Há duas semanas.»

«E agora é que me ligas?»

O tom deve ter-lhe parecido hostil, embora eu não estivesse zangada nem indignada; tinha apenas uma ponta de sarcasmo. Tentou desculpar-se mas fê-lo confusamente, atrapalhando-se, metade em dialecto, metade em italiano. Disse que estava convencido de que a mãe andava a passear por Nápoles, como de costume.

«Mesmo de noite?»

«Bem sabes como ela é.»

«Pois sei, mas achas normal duas semanas de ausência?»

«Sim. Tu não a vês há muito tempo, ela piorou. Nunca tem sono, entra, sai, faz o que lhe dá na gana.»

Mas acabara por ficar preocupado. Perguntara a toda a gente, dera uma volta pelos hospitais, até tinha ido à polícia. Nada, a mãe não estava em parte nenhuma. Que filho tão bom! Um homem corpulento, dos seus quarenta anos, que nunca trabalhara na vida, só negociatas e esbanjamento. Imaginei o cuidado com que fizera as buscas. Nenhum. Não tinha miolos, e só gostava de si próprio.

«Não estará aí contigo?», perguntou-me de súbito.

A mãe? Aqui em Turim? Sabia perfeitamente o que se passava, falava só por falar. Ele é que era viajante, já viera a minha casa pelo menos dez vezes, sem ser convidado. Ao passo que a mãe, que eu acolheria com prazer, nunca saíra de Nápoles em toda a sua vida. Respondi-lhe:

«Claro que não está aqui comigo.»

«Tens a certeza?»

«Por favor, Rino, já te disse que não está.»

«Então, para onde foi ela?»

Começou a chorar e deixei-o fazer a fita de quem está desesperado, soluços que começavam por ser fingidos e se tornavam verdadeiros. Quando terminou, disse-lhe:

«Por favor, ao menos uma vez, comporta-te como ela desejaria: não a procures.»

«Mas o que estás tu a dizer?»

«Aquilo que ouviste. É inútil. Aprende a viver sozinho e não voltes a ligar-me também.»

E desliguei.

## 2.

A mãe de Rino chama-se Raffaella Cerullo, mas toda a gente a tratou sempre por Lina. Eu não, nunca fiz uso de nenhum desses nomes. Para mim, há quase sessenta anos que é Lila. Se lhe chamasse Lina ou Raffaella, assim de repente, era sinal de que a nossa amizade chegara ao fim.

Há pelo menos trinta anos que me diz que quer desaparecer sem deixar rasto, e só eu sei bem o que ela quer dizer. Nunca lhe passou pela cabeça uma fuga, uma mudança de identidade, o sonho de refazer a vida noutro lado. E nunca pensou em suicídio, pois repugnava-lhe a ideia de Rino ter alguma coisa a ver com o seu corpo, de ser obrigado a ocupar-se dele. A sua intenção foi sempre outra: queria volatilizar-se; queria que todas as suas células desaparecessem; que dela não fosse possível encontrar nada. E como a conheço bem, ou pelo menos creio que conheço, tenho como certo que encontrou a maneira de não deixar em parte nenhuma deste mundo nem um cabelo.

## 3.

Passaram-se dias. Fui vendo o correio electrónico e o correio normal, mas sem esperança. Sempre lhe escrevi com frequência, e ela quase nunca me respondeu. O hábito foi sempre esse. Preferia o telefone ou as longas noites de conversa quando eu ia a Nápoles.

Abri as minhas gavetas, as caixas de metal onde guardo todo o género de coisas. Poucas. Deitei tanta coisa fora, principalmente o que se relacionava com ela, e ela sabe-o. Descobri que não tenho nada dela, nem uma imagem, nem um bilhete, nem uma prendinha. Eu própria me surpreendi. É possível que em todos estes anos não me tenha deixado nada de si, ou, pior, que eu não tenha querido conservar qualquer coisa dela? É possível.

Desta vez telefonei eu a Rino, fi-lo contrariada. Não atendia no fixo nem no móvel. Ligou-me ao serão, quando lhe dava jeito. Tinha o tom de voz com que tenta causar pena.

«Vi que ligaste. Tens notícias?»

«Não. E tu?»

«Nada.»

Disse-me coisas sem pés nem cabeça. Queria ir à televisão, ao programa onde se fala das pessoas desaparecidas, fazer um apelo, pedir perdão à mãe por tudo, suplicar-lhe que volte.

Escutei com paciência, depois perguntei-lhe:

«Viste o guarda-fato dela?»

«Para quê?»

Naturalmente, a coisa mais óbvia não lhe ocorrera.

«Vai ver.»

Foi e verificou que não havia lá nada, nem um vestido da mãe, de Verão ou de Inverno, só as cruzetas velhas. Mandei-o procurar pela casa toda. Os sapatos dela, desaparecidos. Os poucos livros que possuía, desaparecidos. As fotografias, todas desaparecidas. Desaparecidos os filmes. Desaparecido o computador, bem como as velhas disquetes que dantes se usavam, tudo, todas as coisas relacionadas com a sua experiência de feiticeira electrónica, que começara a familiarizar-se com os computadores em finais da década de sessenta, no tempo dos cartões perfurados. Rino estava estupefacto. Disse-lhe:

«Leva o tempo que quiseres, mas depois telefona-me e diz se encontraste nem que seja só um alfinete que lhe pertença.»

Ligou-me no dia seguinte, muito agitado.

«Não há cá nada.»

«Nada, nada?»

«Não. Recortou a imagem dela de todas as fotografias em que estávamos juntos, mesmo aquelas de quando eu era pequeno.»

«Procuraste bem?»

«Em todo o lado.»

«Na cave, também?»

«Em todo o lado, já te disse. Até a caixa com os documentos desapareceu. Sei lá, velhas certidões de nascimento, contratos telefónicos, recibos de contas. O que significa isto? Que alguém roubou tudo? O que procuravam? O que querem da minha mãe e de mim?»

Tranquilei-o, disse-lhe que estivesse descansado. Era improvável que alguém quisesse alguma coisa, sobretudo dele.

«Posso ir passar uns dias a tua casa?»

«Não.»

«Por favor, não consigo dormir.»

«Amanha-te, Rino, não sei como lidar com isto.»

Desliguei e, quando ele voltou a ligar, não atendi. Sentei-me à secretária.

Lila está a exagerar, como é costume, pensei.

Estava a dilatar excessivamente o conceito de rasto. Agora, aos sessenta e seis anos, não só queria desaparecer como também apagar toda a vida que deixara para trás.

Senti-me deveras irritada.

Vamos ver quem vence, desta vez, disse para mim. Liguei o computador e comecei a escrever os pormenores da nossa história, tudo aquilo que me ficara na memória.

# Infância

*História de dom Achille*